



Habitantes
de Minas em
Voyage Pittoresque
dans le Brésil
Johann Moritz
Rugendas

1835
Litografia (detalhe)
23 x 22,5 cm
Fundação Biblioteca
Nacional, RJ

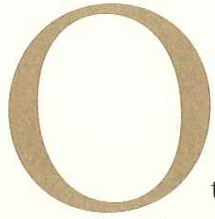
Ângelo Oswaldo
de Araújo Santos

Cotidiano e contexto cultural nos passos de Aleijadinho

A

data de nascimento de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, tem sido tema de controvérsia historiográfica, sendo adotado, pela maioria dos autores, o ano de 1738, à vista de o registro de seu sepultamento, em 18 de novembro de 1814, indicar-lhe a idade de 76 anos. Tendo vivido entre o apogeu da exploração aurífera nas Minas Gerais e o esgotamento dos grandes aluviões, o artista participa do fausto e da decadência da primeira civilização urbana do

Brasil, à qual oferece, como legenda, o fulgor de seu talento singular. É ele fruto de um processo socioeconômico e cultural que, como seu fenômeno existencial, parte da glória para penoso declínio, do prazer da fortuna para a angústia da perda, mas também da sujeição para a busca da liberdade, da condição colonial para a independência. Filho de uma africana escravizada e de um mestre de ofícios português, Antônio Francisco Lisboa sintetiza a fusão de etnias de que se origina a população brasileira, para igualmente expressar a soma de contribuições que enriquecem a cultura do país.



O tempo de Aleijadinho compreende o sucesso do garimpo, traduzido na consolidação da vida urbana e na sofisticação da sociedade mineradora, bem como a decadência econômica e a tensão social, quadro no qual se arruinará uma produção cultural de qualidade e abrangência notáveis. O espaço de seu desempenho são as principais vilas e arraiais da capitania de Minas Gerais, a partir de sua capital, Vila Rica de Ouro Preto, onde nasceu e faleceu. Entre 1738 e 1814, na região mediterrânea do ouro setecentista, longe do Rio de Janeiro e de Salvador, na Bahia, principais cidades da época, e apartado das matrizes estilísticas da Europa, ele participa, como protagonista privilegiado, da construção de um dos trechos mais exuberantes da história das Américas.

Na zona mineradora desenvolve-se uma civilização peculiar, que forma um acervo de extraordinária riqueza. Circunscritos a esse território distante e isolado, Aleijadinho e seus contemporâneos subvertem, com genialidade, os padrões europeus e criam a primeira expressão brasileira de arte.

A mentalidade e o comportamento dos mineiros do século 18, preponderantemente advindos de São Paulo, do norte de Portugal e da África, denotam características que vão ser encontradas na personalidade de Aleijadinho. O cotidiano da cidade interfere, de igual modo, no espírito do artista e nos rumos de sua vida. Ele nasceu em Vila Rica de Ouro Preto, cinco anos após a inauguração festiva da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em maio de 1733, acontecimento esplendoroso de que dá notícia a crônica do *Triunfo Eucarístico*, escrita por Simão Ferreira Machado e publicada em Lisboa no ano seguinte. Essa suntuosa festa barroca terá suscitado gerações pelo impacto de suas peculiaridades no espírito do tempo.

Durante a infância de Antônio Francisco Lisboa, chega à corte das Minas o artista português Francisco Xavier de Brito, que imprime, no retábulo-mor do Pilar, em meio a seis altares da velha talha luso-brasileira, as marcas típicas do estilo dom João V, opulenta revives-

cência do barroco no universo luso. Trata-se do momento de sedimentação da sociedade mineradora, vencida a terrível fase de submissão, controle e organização das multidões que, nos primórdios, desarvoradamente acorrem ao território e se digladiam em acampamentos precários e violentos.

Portugal demorara quase dois séculos para atingir o eldorado escondido por uma série de maciços montanhosos (Serra do Mar, Serra da Mantiqueira, Serra do Espinhaço), imensas florestas (Mata Atlântica) e tribos indígenas ferozes. Ouro Preto surge em 1698, com a chegada da bandeira dos paulistas Antônio Dias de Oliveira e padre João de Faria Fialho à garganta formidável dominada pelo Pico do Itacolomi. Na região em que se encontrava o ouro recoberto por camada de óxido de ferro, o ouro preto, diversos núcleos populacionais logo emergem em clima de acirrado conflito, do qual brota a Guerra dos Emboabas (paulistas contra portugueses), em 1713, e a sedição de Vila Rica, em 1720, ano da criação da capitania das Minas Gerais, separada da capitania de São Paulo e Minas de Ouro, instalada em 1709. Dois anos depois, em 1711, o governador Antônio de Albuquerque, cria a Vila Rica de Ouro Preto, ao reunir uma dezena de arraiais pioneiros sob a tutela de uma Câmara Municipal.

O nascimento de Aleijadinho ocorre em período de distensão e prosperidade, conseqüência da paz imposta pela mão-de-ferro do conde de Assumar (1720). Requisites insinuados pela riqueza fácil ao ânimo barroquista da gente das Minas aprimoram o espaço urbano e ornamentam o ambiente social. O dia-a-dia das cidades mineradoras mostra a faina da construção de melhoramentos, como chafarizes e pontes, e de templos denotativos do poder de suas irmandades. Liberto da escravidão ao nascer, por benevolência do pai, que chegara a ser juiz de órfãos em Vila Rica, Aleijadinho acompanha-o nos canteiros de obras pelos quais Manuel Francisco Lisboa transita como reputado arquiteto, construtor e mestre-carapina. Muito jovem, está em Vila

Nova da Rainha do Caeté, entre os ajudantes de Coelho Noronha, na elegante talha da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, e terá seguido as atividades do tio, de quem herda o nome, Antônio Francisco Pombal, construtor do Pilar de Ouro Preto e de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo.

Não escaparia ao menino de 10 anos a repercussão das grandiosas festas do Áureo Trono Episcopal com que a cidade de Mariana recebe, em 1748, o primeiro bispo das Minas Gerais, dom frei Manuel da Cruz — trono mais tarde executado em madeira pelo grande artista. Nem as soleníssimas exéquias que se celebram em Vila Rica, em 1750, pela morte de dom João V, impressionantes como os festejos que vão saudar, no ano seguinte, a coroação de dom José I. No adro da Matriz de Antônio Dias, em 21 de dezembro de 1750, “com pomposa e talvez nunca vista solenidade, o Senado da Câmara de Vila Rica, revestido das insígnias do cargo, precedido de um cavaleiro de xairéis de luto, arrastando enorme bandeira negra de 16 côvados, quebrou o segundo escudo pela morte de dom João V, conclamando a multidão: ‘Chorai, nobres! Chorai, povos, que é morto vosso rei e senhor, dom João, o quinto de Portugal!’”.¹

Com suas câmaras regidas por “homens bons”, seus vigários colados à frente de imponentes igrejas paroquiais, seus artistas em sintonia com o melhor gosto da época, as vilas do ouro então irradiam prosperidade e ordem, sob o signo da fartura e da fé. “A fábrica eminente de uma grande cidade” enche os olhos do poeta Cláudio Manuel da Costa. Na capela-mor da Matriz do Pilar de Ouro Preto, as pinturas parietais retratam não evangelistas nem cavaleiros do apocalipse, mas as quatro estações do ano. O bispo do Rio de Janeiro, em pressurosa visita pastoral, ainda nos anos de beligerância, já havia condenado, sem êxito, os abusos profanos na música sacra, advertindo os mineiros contra a onda sensual que, entre eles, veio seduzir e dominar a perplexidade barroca. O desenvolvimento das atividades artísticas relaciona-se com a evolução da sociedade mineradora,

sequiosa de acender a patamares de sofisticação dos usos e costumes, na escala dos cabedais acumulados.

Aleijadinho cresce entre mestres e em meio a admiráveis edificações que se erguem nas vilas, às expensas das câmaras, das ordens terceiras e confrarias e dos abastados senhores de mina. Sua primeira obra terá sido o busto de mulher que adorna o chafariz do Alto da Cruz, em Ouro Preto, construído por empreitada do pai. Curiosamente, é de natureza profana a estréia do artista que, segundo Germain Bazin, “*donna au monde chrétien les dernières grandes images du drame de la Passion*”. Em pouco tempo, cercado de encomendas, ele se afirma como um dos mais respeitados artistas da capitania. Atua tanto em Vila Rica quanto na cidade de Mariana. Vai a Vila Real de Sabará projetar o Carmo, faz o risco para São Francisco de Assis de São João del Rei, cria a Matriz de São João Batista do Morro Grande e refaz a fachada de Santo Antônio de São José del Rei (Tiradentes), está na Fazenda da Jaguará e na aldeia de São Manuel do Rio Pomba, trabalha em Rio Espera e se transfigura em Congonhas do Campo.

Terá sido ele, segundo acatados historiadores, o primeiro a introduzir a pedra-sabão (esteatita) nas obras escultóricas da região, ao retirá-la dos limites da confecção de vasilhames e pequenas peças — pelo que se chamava de “pedra de panela”. “Macia de trabalhar, de contextura homogênea, compacta, suscetível de polimento, não sujeita à decomposição como os quartzitos e, de certa maneira, com a aparência de argila não cozida”, ela é, na conceituação de Sylvio de Vasconcellos, “um material perfeito para a escultura”. Aleijadinho inaugura o emprego da pedra-sabão no universo da arte, altera a criação de seu tempo e dá início a uma linhagem de artistas cada vez mais numerosos no contexto regional.

A condição de artista, embora não reconhecida no primeiro plano da estrutura social, permite-lhe a conquista da fama, respeito e algum recurso financeiro, que se tornará escasso no fim. Rodrigo Bretas, que

escreveu, em 1858, a pequena e preciosa biografia do escultor, refere o envolvimento com mulheres, álcool e festas, certamente relatado pela nora, a parteira Joana Lopes, mãe de Francisco de Paula, o desconhecido neto de Aleijadinho. Ele passa algum tempo no Rio de Janeiro, no curso de sua ligação com Narcisa, com quem tem o filho Manuel Francisco Lisboa, presente no recenseamento de Vila Rica, em 1804, então vivendo de escultor, ainda com Joana Lopes.

Em 1763, a capital do governo geral do Brasil transfere-se de Salvador para o Rio de Janeiro. A fim de aproximar-se das Minas Gerais, o vice-rei instala-se no porto do ouro, ligado a Vila Rica pelo Caminho Novo, aberto por Garcia Rodrigues Paes em 1701. Ali, Aleijadinho conhece outra dimensão da efervescência do Brasil minerador e deve ter recolhido subsídios na contemplação de obras de porte, como o sóbrio e majestoso frontispício do Carmo.

A cidade mineira do século do ouro deixa-se ler, de certo modo, pelas lentes com que José Antônio Maravall analisa a cidade seiscentista da Espanha. “Mais do que esfera de opulência, é teatro da religião”, afirma o narrador do *Triunfo Eucarístico*, ao definir a Vila Rica de 1733. Cena do espetáculo social, o espaço urbano acolhe continuadas manifestações que teatralizam a vida individual e coletiva, sob a égide da religiosidade. Procissões, rasouras, viáticos transitam por ruas demarcadas pelas ermidas dos passos da Paixão. Edículas e oratórios nas esquinas, cruzeiros nas pontes, fontes com imagens piás e cruces convidam à permanente *mise-en-scène* da religiosidade estranhada dos mineiros. Compartimentada em confrarias de brancos, negros e pardos e de profissionais diversos, a sociedade identifica, nos templos que cada irmandade levanta, os signos exteriores de poder das diferentes classes. Daí serem numerosas as igrejas nas vilas do ouro, tendo nelas trabalhado incontáveis artistas. Dom João V proíbe a presença das ordens conventuais nas Minas, ao promover uma espécie de privatização do serviço religioso, confiando-o às confrarias leigas, que remuneram o clero secular. Com isso, elimina-se a possibilidade de os conventos e mosteiros, privilegiados pelo direito de santuário, transformarem-se em focos de contrabando de ouro e diamantes.

Entre o gozo do enriquecimento fácil e o temor da ira divina, o árduo labor garimpeiro e a galanteria do convívio citadino, o massacre dos indígenas, a exploração dos africanos escravos e o atrevimento dos mulatos emergentes pelo talento artístico, a rivalidade entre segmentos e a ostentação de “status”, a sociedade do ouro faz do cultor católico o suporte de seus mais variados sentimentos e sensações, tal como Aleijadinho com sua galeria de imagens sacras.

Simão Ferreira Machado exalta o prestígio da cidade de Aleijadinho: “Nessa vila habitam os homens de maior comércio, cujo tráfego e importância excedem sem comparação o maior dos maiores homens de Portugal: a ela, como a Porto, se encaminham, e recolhem as grandiosas somas de ouro de todas as minas na Real Casa da Moeda: nela residem os homens de maiores letras, seculares e eclesiásticos: nela tem assento toda a nobreza e força da milícia: é por situação da natureza cabeça de toda a América, pela opulência das riquezas, a pérola preciosa do Brasil”. Não faltam a ópera, as encenações teatrais, até mesmo como parte de programações de caráter religioso, os curros, as cavalladas e touradas, as luminárias pagas pela Câmara, que levam a população à rua para desfrutar “uns júbilos de tão suave alegria”.

É intensa a atividade de músicos, geralmente pardos, de escultores, entalhadores, marceneiros e carpinteiros, pintores e douradores, ourives, prateiros e joalheiros. A produção musical revela excepcional qualidade entre o fim do século 19 e início do oitocentos. O musicólogo Francisco Curt Lange, estudioso da matéria, diz que essa música pré-clássica está entre o que se criou de melhor na época, levada em conta a composição européia. Numerosos poetas vivem em Vila Rica, como Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Inácio José Alvarenga Peixoto, que se envolvem na Conjuração de 1788-1789, instante em que não se tem notícia do exato paradeiro de Aleijadinho, da mesma forma ausente no censo de 1804.

Filhos de mineradores estudam em Portugal e na França, tanto que a Conjuração Mineira terá começado em Coimbra, entre discussões acaloradas de brasileiros. Livros trazidos da Europa disseminam o iluminismo e as idéias revolucionárias, enquanto a Independên-

cia dos Estados Unidos da América propõe exemplo irrecusável. A Aleijadinho esses temas não devem ter sido estranhos. É em missais e livros religiosos que ele encontra fonte de inspiração para suas obras, pelo que terá freqüentado as grandes bibliotecas do tempo, que não eram poucas, na capitania, como a vasta livraria do cônego Luís Vieira da Silva. Não há qualquer documento sobre seu envolvimento na Inconfidência Mineira, como se denomina a conjura, ou até mesmo sobre seu paradeiro na época da repressão. Antes de associar-se a composição dos profetas de Congonhas do Campo a improváveis referências aos inconfidentes de 1789, basta perceber a ira e a indignação das sentenças latinas inscritas nas cartelas das estátuas. Diversas obras do artista trazem frases em latim, como o belo lavabo rococó da sacristia franciscana de Ouro Preto. Elas se relacionam com os temas trabalhados, o que não comprova terem sido escolhidas pelo mestre.

O gosto da época, consubstanciado na multiplicidade de detalhes de que se tece a vida cotidiana, assinala gestos valiosos do escultor. Sempre muito apreciados, orientalismos recorrentes no vocabulário plástico-visual luso-brasileiro do setecentos irrompem no código aleijadiano com graça e inventividade. As *chinoiseries* recobrem os painéis parietais da capela de Nossa Senhora do Ó, em Sabará, e da Igreja de Santo Amaro, em Brumal, bem como a caixa do órgão e o respaldo do cadeiral dos cônegos da Sé de Mariana. Louças do Oriente são indispensáveis à boa mesa mineira. Em Aleijadinho, as chinesices definem o penteado de imagens (os reis magos do Museu da Inconfidência), enfeitam-lhes os trajés (santos da Matriz de Caeté) e acentuam o amendoado dos olhos das estátuas (profetas de Congonhas). As figuras ganham fascinante jogo cinético por meio dos cortes rápidos do entalhe e cativam o olhar do espectador, pela sustentação do *pathos* barroco dentro do refinamento do rococó que ele pratica de modo próprio e surpreendente. O autor deve ter visto e compulsado livros e gravuras procedentes da Europa e dialogado com eruditos de Vila Rica e da cidade de Mariana.

Antônio Francisco Lisboa terá superado preconceitos e obstáculos graças à energia de seu temperamen-

to, de acordo com os traços recuperados por Rodrigo Bretas. A “infâmia de mulato” veda-lhe acesso às Ordens Terceiras do Carmo e de São Francisco, reservadas aos brancos reinóis e “mazombos” (nascidos na colônia), mas ambas vão chamá-lo para enobrecer-lhes os templos. Os governadores, de igual maneira, o contratam: vê-se sua presença no retábulo da capela do palácio de Vila Rica. Entre os companheiros de ofício, é acatado e consultado, sendo chamado para “louvar”, com seu laudo pericial, obras de outros mestres. A Câmara encomenda-lhe o são Jorge que saía a cavalo na procissão do Corpus Christi. Para um rico morador da Rua Direita do Pilar, faz uma fonte de “Agoa da Samaritana”². Vai também ao mundo rural. A doença terá estimulado Aleijadinho a esses retiros em fazendas, para trabalhar longe da curiosidade cidadina, responsável pelo triste apelido. No Vínculo de Jaguará, constrói uma esplêndida capela, cuja talha principal se acha hoje na Matriz de Nova Lima.

O cognome “Aleijadinho” aparece escrito em documento de 1810, referente ao projeto da nova fachada da Matriz de Santo Antônio, na Vila de São José del Rei, hoje cidade de Tiradentes. Ele terá reagido tenazmente ao tratamento depreciativo, por certo contribuindo para a fixação da alcunha, também mencionada por viajantes estrangeiros que documentam a região no início do século 19. O artista, desfrutando de renome, passa a ser visto sempre encapuzado, conduzido a cavalo ou carregado por seus escravos, nas ruas das vilas do ouro. A enfermidade dificulta-lhe a locomoção e sua aparição pública se cerca de pudor e espanto. As janelas de Ouro Preto, recorrentemente fechadas por gelosias de madeira, nos vãos externos, à maneira árabe, segundo tradição luso-mourisca (janelas de muxarabiê), resguardavam olhares que observam, com protegida malícia, o vulto estranho do aleijado.

Joaquim José da Silva Xavier (1746-1792), enforcado por ter sido considerado o principal cabeça da Inconfidência Mineira, entra igualmente para a história com seu apelido. É Tiradentes, ao lado de quem Aleijadinho perfaz uma síntese cultural da civilização do ouro.

Quanto ao escultor padre Félix Antônio Lisboa (1755-1838), seu meio-irmão pelo casamento legítimo de Manuel Francisco, Aleijadinho o considera um fa-

zedor de “carantonhas”, o que sublinha a arrogância que lhe é atribuída ou expõe preconceitos que o atormentam. Bretas evoca o episódio em que ele repele a visita do governador da capitania (talvez dom Bernardo de Lorena) a seu canteiro de obras, atitude audaciosa e temerária. Trabalhando em regime de oficina, dispõe de escravos (Maurício, Agostinho e Januário) e auxiliares livres (Justino), de acordo com os costumes vigentes. Maurício era meeiro nos salários, mas o mestre mostra-se descuidado na guarda do dinheiro, sendo furtado ou dando esmolas, conforme anota Rodrigo Bretas.

A seu lado aparecem também artistas de vulto singular. Manuel da Costa Athaide (1762-1830), senhor de “paleta riquíssima e técnica pictórica magistral” (Carlos Del Negro), completa, com sua pintura, a Igreja de São Francisco de Assis, projetada e decorada por Aleijadinho. As 64 estátuas de cedro, em Congonhas do Campo, recebem encarnações de Athaide, que faz ainda pintura e douramento dos altares aleijadianos do Carmo de Ouro Preto. A policromia e o estofamento das estátuas feitas em Sabará (*São Simão Stock* e *São João da Cruz*, na Igreja do Carmo, e *Sant’Ana Mestra*, no Museu do Ouro) indicam o desempenho do artista de alta competência no acabamento da criação do mestre da madeira.

O mais importante testemunho de época sobre a arte de Aleijadinho é o registro historiográfico feito em 1790 pelo capitão Joaquim José da Silva, segundo vereador do Senado da Câmara da cidade de Mariana, ao relatar os fatos notáveis da capitania, em cumprimento de ordem régia: “Antônio Francisco, o novo Praxíteles, é quem honra igualmente a arquitetura e a escultura. (...) Superior a tudo e singular nas esculturas de pedra em todo o vulto ou meio relevado e no debuxo e ornatos irregulares do melhor gosto francês é o sobredito Antônio Francisco. Em qualquer peça sua que serve de realce aos edifícios mais elegantes, admira-se a invenção, o equilíbrio natural, ou composto, a justeza das dimensões, a energia dos usos e costumes e a escolha da disposição dos acessórios com os grupos verossímeis que inspira a bela natureza. Tanta preciosidade se acha depositada em um corpo enfermo que precisa ser conduzido a qualquer parte e atarem-se-lhe os ferros para poder obrar”. Tal referência, transcrita por Bretas, teve seus originais perdidos nos arquivos de Mariana, mas

sustenta fundamental significado para a biografia do mestre e a história da arte.

Membro da Irmandade de São José, Aleijadinho liga-se à Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, tendo sido enterrado na cova da confraria, ao pé do altar da Virgem, na Matriz da Conceição de Antônio Dias, em Vila Rica. Pouco antes, tinha sido juiz da festa da Senhora da Boa Morte, conforme registra Rodrigo Bretas, dando conta do espírito participativo do artista. Em 1766, os franciscanos terceiros o convidam para projetar a capela da Ordem, já que o Carmo havia contratado Manuel Francisco Lisboa. É em São Francisco de Assis de Ouro Preto que Aleijadinho alcança o ponto máximo da conjugação de seus dotes de arquiteto e escultor, na traça do edifício e na ornamentação do frontispício, na talha de cedro do retábulo e na escultura do lavabo da sacristia e dos púlpitos de pedra-sabão. Após a morte do artista, a ausência de elementos capazes de dar prosseguimento à obra faz com que somente no fim do século 19 sejam concluídos os seis altares laterais da nave, “segundo risco do finado mestre Antônio Francisco Lisboa”.

São Francisco de Assis de Ouro Preto, de acordo com a análise da historiadora Lygia Martins Costa, é “arquitetura múltipla e uma, de contrastes que se inserem sem perder seu caráter; expressão de elegância, graça, imprevisto, fantasia poética e dinamismo contido”.

A obra maior de Aleijadinho é o conjunto do Santuário do Senhor do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo. Ao subir ao alto do Morro do Maranhão, onde o eremita português Feliciano Mendes plantara uma cruz votiva, ele é um homem abatido quanto lhe apequena os sentimentos, fazendo do arrogante e soberbo que fora um infeliz acabrunhado. No artista está também um peregrino, e sua obra tem a expressão de ex-voto da tragédia que o arrebatou, como as cenas da Paixão de Cristo ali estão para expiar a derrocada das Minas.

Antônio Francisco Lisboa e as Minas Gerais viveram drama semelhante, e é na solidão do sacro monte de Congonhas, longe das empobrecidas vilas ricas, que ele arremata, em grandiosa criação, o ciclo artístico do eldorado do Brasil. Exaurido em menos de 100 anos o sonhado tesouro, a capitania sucumbe diante da terrível repressão aos ideais de liberdade da Inconfidência

Mineira. A malograda conspiração de 1789 denuncia a maturidade do processo civilizatório e cultural engendrado pelo ouro. Restam arte e ética nos cofres aparentemente vazios. A via-crúcis de Congonhas do Campo coroa meio século de trabalho de Aleijadinho, na culminância da arte nascida da bateia dos faiscaidores. O poeta Oswald de Andrade, em 1924, saudou o grande artista em sua acrópole:

*No anfiteatro de montanhas
Os profetas do Aleijadinho
Monumentalizam a paisagem*

*As cúpulas brancas dos passos
E os cocares revirados das palmeiras
São degraus da arte do meu país
Onde ninguém mais subiu*

*Bíblia de pedra-sabão
Banhada no ouro das minas*

Ângelo Oswaldo de Araújo Santos

Escritor, curador de arte e
prefeito de Ouro Preto

Notas

- ¹ *Revista do Arquivo Público Mineiro (APM)*, vol. 25, p. 359, *apud* Ouro Preto, Henrique Cabral, Belo Horizonte, 1969.
- ² Fonte do pátio do Museu Casa Guinard, na Rua Direita, 110.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Oswald. *Poesias Reunidas, Obras Completas 7*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.
- ATHAIDE, Manoel da Costa, MENEZES, Ivo Porto de. *Edições Arquitetura/1*. Belo Horizonte, UFMG, 1965.
- ÁVILA, Affonso. *Resíduos Seiscentistas em Minas* (fac-símile do Triunfo Eucarístico). Belo Horizonte, UFMG, 1967.
- Brasil Baroque: entre Ciel et Terre* (catálogo da exposição). Paris, união Latina/Museu do Petit Palais, 1999-2000.
- COSTA, Lúcio. *Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho*. Rio de Janeiro, Publicações do Iphan, n. 15, 1951.
- VASCONCELLOS, Sylvio. *Vida e Obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho*. São Paulo, Cia. Editora Nacional Brasileira, vol. 369, 2ª edição, 1979.